V. SETÚBAL, 4—ALHANDRA, 0

NÃO «FORÇAR» O TALENTO

E JOGAR EM DESCONTRACÇÃO

CRÓNICA DE **MÁRIO MACEDO**

Estádio do Bonfim, em Setúbal.

Árbitro: Alberto Martins, de Portalegre.

V. SETÚBAL — Torres; Conceição, Torpes, Herculano e Cardoso; Jaime Graça (cap.) e Augusto; Armando (ex-Amora), José Maria, Carlos Manuel e Quim.

ALHANDRA — Arsénio; Cartaxo, Alberto, André e Sousa; Julião e Marques (n.º 9); Carlitos, Baptista, Licas e Silvino (ex-Castelo Branco).

1.ª parte: 1-0.

«Penalty» aos 33 minutos. Augusto foi rasteirado, dentro da «grande área», não necessitando de fazer espectáculo, porque a falta de Cartaxo foi nítida. JAIME GRAÇA converteu a grande penalidade.

2.º tempo: 3-0.

Aos 7 minutos 2-0, por ARMANDO, depois duma desmarcação fulgurante e habilíssima troca de pés, mas o vitoriano deveria ser penalizado, porque quando a bola partiu de um colega, o novo extremo de Setúbal estava «fora de jogo». A falta passou totalmente despercebida ao público, atento ao trabalho do jogador setubalense que primeiro detinha a bola. Ao auxiliar do senhor Alberto Martins é que não se admite a desatenção, porque, decerto, esqueceu-se de acompanhar, com a vista, o movimento dos defesas alhandrenses ... e de Armando.

3-0, aos 13 minutos, por CARLOS MANUEL, que se isolou primorosamente, depois dum passe de Quim. Silvino, duma forma incrível, perdeu uma oportunidade, aos 22 minutos, rematando à base do poste, quando estava só em frente de Torres. Finalmente, aos 44 minutos, ARMANDO rematou com garra, Arsénio não segurou o esférico e José Maria confirmou, já com a bola a ultrapassar a linha de baliza.

Resultado final nas duas eliminatórias: 5-0 + 4-0, ou seja, 9-0.

●

Que se esperaria deste desnivelado encontro, entre uma turma cheia de pretensões, bastante personalizada, mesmo crente e altiva, no despique com um animoso Alhandra, já vencido na primeira «mão», por 5-0? Um jogo de alto nível técnico, com os futebolistas a esmerarem-se na execução, porque nos dois conjuntos, em especial no setubalense, existem jogadores capacíssimos de bem jogarem, mesmo no Alhandra, quando o ritmo é baixo. Ou, em antítese, uma partida prenhe de entusiasmo, árdua e extremista sob o ponto de vista espectacular, com o Vitória a «esfarrapar-se» por um triunfo por muitos golos? Ou, ainda, uma terceira hipótese, que o futebol é um manancial de ideias e sugestões? Mas que hipótese, dirão? Afinal aquela que definiu o encontro, com o «team» de Setúbal onde, agora, se cinzela um futebol mais descontraído, a jogar compassadamente, sem as «nuances» de grande técnica, mas com naturalidade e certa eficiência. A dificuldade será interpretar se o jogo não foi técnico, na exteriorização do saber dos melhores, mas se houve outras manifestações de interesse para a crítica.

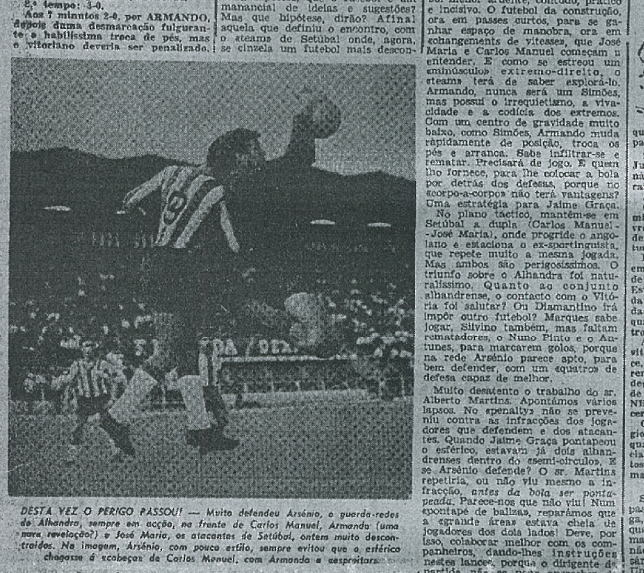
Cremos que na planificação estratégica não valerá a pena determo-nos, tão clara foi a tessitura dos esquemas, mesmo para os «olhos» não críticos. O básico neste jogo, o essencial, diferente, digamos fundamental, foi observarmos um Alhandra metamorfoseado. Que diferença, na defesa e no sector médio, do «team» absorto, preocupado, cheio de ansiedade, que apenas «destruía», para colocar o esférico longe. Não! Ontem, os alhandrenses exibiram-se no Bonfim, cheios de calma, sabendo que estavam eliminados da «Taça», mas mentalizados para evitarem a «goleada», agrupando-se, tocaram a bola entre si, mostrando que conhecem um dos princípios básicos do futebol: quem possui o esférico, evita a *sistemática* iniciativa do adversário. E perguntarão? Mas o Vitória não deteve o esférico, não o tocou para «espaços livres», não criou «suspense» com os arranques de José Maria, não apresentou um extremo vivaz (Armando), não marcou golos... e venceu? Sim, é verdade, mas o conjunto do Alhandra não se desuniu, mesmo com 3-0, retendo a bola no ataque, embora este fosse inofensivo na finalização. É certo, mas no futebol há dois fenómenos diferentes, que se devem interligar: saber possuir a bola, em certas zonas (o que sucedeu ao Alhandra) e obter a decisão na «área» onde é preciso audácia, ritmo, imaginação, jogadas velozes, menos morosidade e mais espontaneidade. A «área» onde o Vitória foi mais expedito e, por isso, marcou quatro golos, perdendo outros tantos.

A partida foi pouco veloz, nimbada quase sempre duma morosidade, expressa nos vagares de Jaime Graça, dum Marques, dum Julião, uns porque não sabem jogar mais depressa com êxito (os alhandrenses), outro por renúncia. Essa pouca velocidade deu à partida um ar de descontracção, um fundo de monotonia, um equívoco de futebol, mas houve jogadores que não souberam manter-se no estilo do jogo, dando-lhe maior agressividade. José Maria, Carlos Manuel, Armando, Conceição e Silvino. Assim, os golos foram obtidos por dois dos jogadores mais audaciosos (Carlos Manuel e Armando) um perdeu oportunidade por pouca sorte (Silvino) e o outro (José Maria) estava em «off day». E Conceição? Foi o melhor setubalense, numa excelente exibição como defesa lateral...

Este triunfo de Setúbal pode ser ilusório, porque a turma expressa certas lacunas no sector defensivo, que poderão surgir, peremptórias e decisivas, contra adversários mais valorosos. Ontem, pressentiram-se... Mas o conjunto alardeia confiança, já baniu muito certas «excrescências» técnicas, «suspendeu» algumas corridas de jogadores com a bola nos pés (havia teimosias em certos «peões») e caminha para um futebol menor ardente, contudo, prático e incisivo. O futebol da construção, ora em passes curtos, para se ganhar espaço de manobra, ora em «changements de vitesses», que José Maria e Carlos Manuel começam a entender. E como se estreou um «minúsculo» extremo-direito, o «team» terá de saber explorá-lo. Armando, nunca será um Simões, mas possui o irrequietismo, a vivacidade e a codícia dos extremos. Com um centro de gravidade muito baixo, como Simões, Armando muda ràpidamente de posição, troca os pés e arranca. Sabe infiltrar-se e rematar. Precisará de jogo. E quem lho fornece, para lhe colocar a bola por detrás dos defesas, porque no «corpo-a-corpo» não terá vantagens? Uma estratégia para Jaime Graça.

No plano táctico, mantém-se em Setúbal a dupla (Carlos Manuel--José Maria), onde progride o angolano e estaciona o ex-sportinguista, que repete muito a mesma jogada. Mas ambos são perigosíssimos. O triunfo sobre o Alhandra foi naturalíssimo. Quanto ao conjunto albandrense, o contacto com o Vitória foi salutar? Ou Diamantino irá impôr outro futebol? Marques sabe jogar, Silvino também, mas faltam rematadores, o Nuno Pinto e o Antunes, para marcarem golos, porque na rede Arsénio parece apto, para bem defender, com um «quatro» de defesa capaz de melhor.

Muito desatento o trabalho do sr. Alberto Martins. Apontámos vários lapsos. No «penalty» não se preveniu contra as infracções dos jogadores que defendem e dos atacantes. Quando Jaime Graça pontapeou o esférico, estavam já dois alhandrenses dentro do «semi-círculo». E se Arsénio defende? O sr. Martins repetiria, ou não viu mesmo a infracção, *antes da bola ser pontapeada*. Parece-nos que não viu! Num «pontapé de balizas», reparámos que a «grande área» estava cheia de jogadores dos dois lados! Deve, por isso, colaborar melhor com os companheiros, dando-lhes instruções nestes lances, porque o dirigente da partida não se pode aperceber de tudo. Um colega é excelente nos «fora de jogos», o outro teve um equívoco. Nas repreensões aos jogadores que prevaricam deve o sr. Martins seguir um critério mais uniforme, admoestando todos os futebolistas com o mesmo rigor, os da «casa» e os forasteiros, que jogam orientados pelo mesmo Código. No resto, o sr. Alberto Martins apresentou-se bem personalizado, mas estas pequenas falhas poderão ser rectificadas, para seu êxito pessoal.



DESTA VEZ O PERIGO PASSOU! — Muito defendeu Arsénio, o guarda-redes do Alhandra, sempre em acção, na frente de Carlos Manuel, Armando (uma nova revelação?) e José Maria, os atacantes de Setúbal, ontem muito descontraídos. Na imagem, Arsénio, com pouco estilo, sempre evitou que o esférico chegasse à «cabeça» de Carlos Manuel, com Armando a «espreitar».

FUTEBOL JUVENIL

O C.O.L. DO BAIRRO LOPES GANHOU A TAÇA «A BOLA»

O Clube Oriental de Lisboa, por iniciativa da Comissão da sub-sede, levou a efeito um «Torneio Juvenil de Futebol de Salão», no seu recinto de Xabregas, com a participação de 34 equipas, divididas em quatro séries.

Ao vencedor, o Clube Oriental do Bairro Lopes, foram atribuídas duas taças: «A Bola», pelo primeiro lugar na quarta série e «C. O. L.» pela vitória final. Aos restantes vencedores de série couberam, igualmente, troféus a que foram dados os nomes de outros órgãos da Imprensa, e ao Sporting Clube de Alfama foi, ainda, entregue a Taça «República», como finalista vencido.

Anteontem, à noite, realizou-se o festival de encerramento, a que assistiu numeroso público, com um programa interessante. Em futebol juvenil defrontaram-se: Estrela Piedense-Sporting de Alfama (3-1) e C. O. L. Bairro Lopes-Marítimo de Lisboa (-0).

Procedeu-se, em seguida, à distribuição dos prémios já referidos, e na mesma cerimónia, os «Parodiantes de Lisboa» fizeram entrega da Taça «Popularidade», disputada por votos, aos representantes dos Dragões da Madre de Deus.

O festival terminou com um jogo de andebol de sete entre as primeiras categorias do C. O. L. e do Vendedores de Jornais. A partida, bem disputada até final, terminou com a vitória do Oriental, por 16-12. Em disputa, a taça «O Século», que o Oriental ofertou ao seu adversário.

V. M.

SINTRA AO ATAQUE — José Luís, avançado-centro do Sintrense, e filho do treinador Veríssimo, vai centrar, com perigo, ante a oposição de Coimbra... que por sinal é de Braga

SINTRENSE, 2—SP. BRAGA, 1

SINTRA EXPRESSOU VONTADE

BRAGA NÃO «DISSE» TUDO

CRÓNICA DE **VIRIATO MOURÃO**

Campo «Manuel Soares Barreto», em Sintra.

Árbitro: Ismael Baltazar, de Setúbal.

SINTRENSE — Gomes; Pardal, Vítor, Furtado e José Carlos; Pessegueiro e Marques; Mega, José Luís, Sérgio e Espanhol.

SP. BRAGA — Armando; Sim-Sim, Juvenal, Coimbra e José Maria; Canário e Ferreirinha; Palmeira, Morais, Teixeira e Bino.

Ao intervalo: 1-1.

O Braga marcou primeiro, aos 9 minutos, por FERREIRINHA. «Livre» ainda longe da área, barreira defeituosa, pontapé forte, a meia altura, e guarda-redes mal batido.

Dois minutos depois, os sintrenses empataram. Lançamento comprido de Pessegueiro para JOSÉ LUÍS. Este perseguiu o esférico até perto da baliza contrária e, ante a passividade da defesa, atirou para as redes quando Armando saiu ao seu encontro.

Aos 84 minutos, surgiu o golo da vitória do Sintrense. Houve um lance, por alto, na grande-área bracarense, sobre a esquerda, a que Sérgio deu seguimento; toque de José Luís, de cabeça, para trás, que ESPANHOL aproveitou para rematar pela certa.

O interior-esquerdo de Sintra, Sérgio, actuou inferiorizado durante quase todo o tempo, em consequência duma queda, cerca dos 15 minutos, que o deixou com o braço direito maltratado.

●

Sabia-se que a disposição das equipas era diferente. O Sporting de Braga, portador de um saldo positivo de quatro tentos, viria com o espírito mais tranquilo, preocupando-se em não consentir grandes voos ao adversário e sem arriscar demasiado. O União Sintrense, sem ignorar as dificuldades de uma recuperação bem pouco viável, tentaria marcar boa presença perante o seu público, entusiasmado com o passo em frente que o seu clube acaba de dar.

O encontro não fugiu muito desta perspectiva, apenas desmentida, até certo ponto, da parte dos bracarenses, por muitos lances precipitados, especialmente na defesa, que não apresentou uma coordenação defensiva aceitável, e acumulou falhas técnicas incompatíveis com a sua actual qualidade de primo-divisionários. Do lado oposto as coisas não correram melhor, mas os sintrenses têm menos responsabilidades, dado que se trata de rapazes que pela primeira vez se vêem envolvidos nestes confrontos de mais nível.

Porém, os pupilos de Veríssimo souberam compensar as suas naturais deficiências com uma permanente demonstração de vontade, de garra, sem qualquer quebra, não dando tempo nem espaço para que o seu opositor pudesse impor um ritmo repousado, que certamente lhe conviria.

Tècnicamente, o jogo não valeu muito, mas foi emotivo, nalguns períodos, mormente por culpa da codícia atacante dos visitados, que sòmente no primeiro quarto de hora não tiveram a afoiteza necessária para explorarem a perturbação patenteada pela defensiva bracarense.

No confronto, a turma de Sintra não saiu diminuída perante um adversário, em teoria, mais categorizado e, feito um balanço dos acontecimentos ocorridos, ontem, no campo «Manuel Soares Barreto», não restam dúvidas de que a vitória coube à equipa que mais se esforçou por merecê-la.

Não se notou domínio acentuado de qualquer dos contendores, salvo nos últimos quinze minutos, em que o Sintra forçou, sacando os últimos fôlegos, para a conquista do triunfo que acabou por lhe sorrir. Mas o Sintrense foi sempre o mais perigoso nas suas descidas, mercê da velocidade de Sérgio e Espanhol e do poder de José Luís. E não pode também esquecer-se a desvantagem dos locais, com o seu melhor avançado impedido de jogar a pleno rendimento. Mesmo assim, Sérgio lutou abnegadamente até final, criando dificuldades ao sector recuado de Braga, em toques hábeis e intencionais e nalguns «tiros» potentes e bem dirigidos.

Na zona central do terreno, contou o Sintrense com Mega compenetrado e de boa visão, e Pessegueiro e Marques, lutadores incansáveis, embora nem sempre «servindo» para o melhor sítio, nem nas melhores condições.

O quarteto recuado, destruiu muito e construiu pouco, despachando muitas vezes à toa, maus hábitos anteriormente adquiridos. Mas é justo destacar a contribuição prestada por Vítor e José Carlos nos movimentos de ataque, nos períodos de maior empertigamento da equipa.

Que dizer do conjunto visitante. Cremos que não «disse» tudo. Da defesa já denunciámos os principais defeitos, só vindo a melhorar, não muito, com o aproximar do termo da partida. Sim-Sim foi, talvez, o melhor dos oito defensores em campo, procurando sempre fornecer a bola em condições aproveitáveis pelos colegas da frente, e com alguns cruzamentos bem idealizados. Ferreirinha ordenou bem o jogo a partir de trás, mas a colaboração de Canário, calmo e de bons pés, não foi tão regular como seria necessário. Os extremos tiveram actuação díspar, com o mesmo resultado negativo. Palmeira, técnica razoável mas pouca decisão, e Bino fogoso mas muito complicativo. Morais e Teixeira perderam-se entre as suas hesitações e a impetuosidade e alguma rudeza da defensiva contrária.

Os dois guarda-redes equivaleram-se no bom e no mau, tendo Gomes mostrado arrojo e atenção, para Armando acusar um pouco o desentendimento verificado entre os quatro companheiros postados na sua frente.

Um último comentário: enquanto o Sintrense nos pareceu capaz de «fazer coisas» no próximo campeonato da II Divisão, o Sporting de Braga deixou-nos a impressão de vir a encontrar sérios obstáculos na sua futura carreira entre os «maiores», a menos que venham a ser eliminadas muitas das deficiências que ontem lhe notámos.

A arbitragem de Ismael Baltazar foi bem conduzida, em geral, com boa cooperação dos seus experimentados auxiliares. Mas, quanto a nós, teve dois momentos de desatenção, em jogadas de grande-área, com Morais a ser empurrado espectacularmente, e José Luís agarrado ostensivamente e impedido de chegar a uma bola que estava ao seu alcance, já muito perto da baliza.

O SORTEIO DA 2.ª ELIMINATÓRIA

(Continuação da 1.ª pág.)

Minutos depois estava terminado o acto, cujo resultado foi o seguinte:

Sporting de Braga-Famalicão;
Salgueiros-Varzim;
Farense-Sanjoanense;
Boavista-Olhanense;
Portimonense-Belenenses;
Barreirense-C. U. F. ou Oliveirense;
Benfica-F. C. Porto;
Vitória de Guimarães-Académica;
Lusitano-Vitória de Setúbal;
Sporting-Espinho ou Lamas.

O clube isento será o Almada ou o Oriental.

Os jogos da primeira «mão» realizam-se nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Falando com os delegados do Benfica e do F. C. Porto, a nossa reportagem registou:

— Acho que o Benfica e o F. C. Porto não tiveram sorte — disse Germano Campos — uma vez que logo na segunda eliminatória um de nós sairá da prova. Mas, sorteio, é sorteio. Espero, esperamos todos, que sejam dois bons jogos.

Por seu turno, Virgílio de Morais declarou:

— O meu clube, após a vitória sobre o Lyon, tem pretensões na «Taça das Taças». Assim, se formos eliminados, para mais pelo Benfica, ficamos mais libertos para outro cometimento.

E, com um sorriso:

— Claro que o ideal seria o F. C. Porto continuar nas duas competições.

VALE MAIS PREVENIR DO QUE REMEDIAR!

VIDAGO

Sociedade «ESTORIL»

Venda de bilhetes para os domingos

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22 horas.

VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES SEM DATA

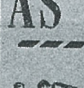
Todos os dias e em todas as estações.

LEÇA, 2—BOAVISTA, 4

AS QUE «FORA» SE FAZEM

EM «CASA» SE PAGAM

CRÓNICA DE **PEREIRA LEITE**



Campo do Leça.

Árbitro: Aniceto Nogueira, do Porto.

LEÇA — José Henriques; Gentil e Pinhal; Del Sol, Peixoto e Júlio; Carriço, Ferrão, Machado, Martinho e Rato.

BOAVISTA — Vieira; Pacheco e Sousa Ribeiro; Augusto, Celestino e Serafim Ribeiro; Lima, João, Marabu, Germano e José Maria.

Ao intervalo: 1-3.

Marcadores: 0-1, aos 2 minutos, por JOÃO. José Maria entregou bem e o remate levou a bola ao poste e entrou. 0-2, aos 11, por MARABU. Drible curto do avançado-centro, que o isolou, e remate a poucos metros da baliza de José Henriques. 0-3, aos 28, por JOSÉ MARIA, em remate ao canto esquerdo, a finalizar uma jogada de contra-ataque. 1-3, aos 29, por MARTINHO, que atirou de dentro da grande área, de surpresa. 1-4, aos 78, por MARABU, depois de finta a Peixoto, tendo o remate sido desferido de ângulo muito difícil. 2-4, a um minuto do fim, em golpe de cabeça de PEIXOTO, que acorreu a finalizar um bom centro de Ferrão.

●

Depois do Leça ter ido vencer ao campo do Boavista, mesmo pela diferença mínima, pensava-se que, no seu próprio campo e com todas as vantagens inerentes, a eliminatória estaria mais ou menos garantida, até porque quanto ao valor patenteado por ambas as equipas na primeira «mão», nada fazia supor desnível tão acentuado favorável aos «axadrezados».

Os imponderáveis do futebol, pelo menos aqueles que derrotam a melhor equipa, não se fizeram sentir no jogo de ontem e o Boavista pôde, não só alcançar uma vitória perfeitamente justa, como ainda prosseguir na prova com idêntica justiça, já que a sua exibição se alcandorou a um plano que não sofre a mínima contestação em relação à do Leça, mesmo considerando o fracasso do primeiro jogo.

As modificações operadas na equipa quanto à distribuição de tarefas e a inclusão de Marabu no eixo do ataque poderão justificar o êxito na medida em que semelhante fenómeno afectou grandemente o trabalho da turma visitada, diminuindo-a, quer em agressividade atacante, quer em em resistência defensiva.

Enquanto que a dianteira do Leça não foi capaz de criar oportunidades de golo ou sequer obrigar Vieira a trabalho digno desse nome, o mesmo compartimento dos axadrezados criou-as em número suficiente para justificar os golos que marcou, muito embora haja que diminuir algum por facilidades concedidas pela defesa leceira, mas disso não têm culpa Marabu, José Maria e Peixoto. Nestes factos assenta a verdade do jogo, ainda que a sua história nos surja aparentemente contraditória, pois houve um largo período de domínio territorial dos locais e que os visitantes colmataram com uma defesa porfiada para explorarem com êxito o contra-ataque.

Alcançados os três primeiros golos, é evidente que os processos empregados por ambas as equipas sofreram alterações provocadas por estados de espírito antagónicos, a separarem ainda mais a valia técnica dos contendores. Chegou-se mesmo ao recreio com a bola por parte dos «axadrezados», no intuito de gastarem tempo e impossibilitarem o adversário de possível inconformismo.

Julgamos que não seria necessário, pois os leceiros pareceram-nos verdadeiramente derrotados após o primeiro quarto de hora da segunda parte, período em que dominaram sem o mínimo êxito.

Causou-nos excelente impressão a exibição global da equipa vencedora, na qual Celestino, Augusto, João e Marabu, ainda puderam salientar-se.

A equipa do Leça fez um mau jogo, quer apreciada no conjunto, quer nos seus diferentes sectores. Ela que já ofereceu exibições tão prometedoras. Um mau dia quem quer o tem. Del Sol e Martinho ainda foram os menos maus.

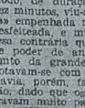
Apesar dos protestos que ouviu, a equipa de arbitragem conduziu-se muito bem, a denunciar já excelente «forma».

SANJOANENSE, 3—«OS LEÕES», 0

UMA INTERVENÇÃO INFELIZ

ABRIU O CAMINHO PARA A VITÓRIA

CRÓNICA DE **FERNANDO PASSOS**



Campo «Conde Dias Garcia», em S. João da Madeira.

Árbitro: Cid Gomes, do Porto.

SANJOANENSE — Pimenta; Vítor, Álvaro Alexandre e Almeida; Jambane e Oliveira, Orlando, Vasco, Índio, Macedo e Nelson.

«OS LEÕES» — Martins; José Torgal, Amândio e Castanheira; Tito e Joaquim José; Carlitos, Paxim, Medeiros, Jaime e Isidro.

Ao intervalo: 1-0.

Golos na primeira parte: aos 16 minutos, por JOAQUIM JOSÉ na sua própria baliza. Vítor marcou um «livre» e aquele jogador, ao tentar aliviar a bola de cabeça, enganou o seu guardião.

Na segunda parte: 2-0.

Aos 20 minutos, ORLANDO driblou adversários e rematou à figura de Martins; a bola foi por este repelida e ficou de novo à mercê do dianteiro sanjoanense que não hesitou em rematar vitoriosamente.

Aos 41 minutos, Orlando recebeu um passe e longe de Armando, progrediu pela direita e depois de passar um adversário deu a bola a NELSON que rematou para marcar o terceiro golo da sua equipa.

●

Os primeiros minutos da partida decorreram com ambas as equipas a estudarem-se mùtuamente e a tentarem adaptar-se ao terreno, pois notava-se com frequência quedas de jogadores. Passado que foi este período, de duração aproximada de dez minutos, viu-se a equipa da «casa» empenhada no golo, mas a ser desfeiteada, e muito bem, pela defesa contrária que para isso usava de poder de antecipação. Jogadas junto da grande área dos «leões» notavam-se com certa assiduidade. Havia, porém, falta de concretização, dado que os extremos se infiltravam muito para o meio do terreno. Não surgiam, portanto, grandes oportunidades de remate certeiro, visto os jogadores se encontrarem num autêntico aglomerado. Os visitantes mostravam-se mais esquemáticos nas suas jogadas. A bola corria muito bem todos os elementos da equipa, pois os passes eram sempre feitos com muita certeza. Pecavam, porém, por excessos de individualismo e falta de remate. Iam muito bem até junto da marcação da grande área, mas aqui perdiam-se por falta de um rematador certeiro e de um homem que pudesse delinear com precisão o jogo naquele sector do terreno.

Não se pode dizer, muito embora se encontrassem na posição de vencidos, que os «leões» durante esta primeira parte do encontro, se mostrassem inferiores ao adversário. Antes pelo contrário, mostraram-se sempre superiores no que respeita a antecipação.

Não se praticou, durante este período de tempo, por parte de ambas as equipas, um futebol que se possa dizer bem estruturado. Houve, sim, mais insistência por parte da Sanjoanense, mas isso deve-se ao facto dos visitantes terem recuado no terreno, após sofrerem o seu primeiro golo.

Na segunda parte, o jogo mudou de feição. Praticou-se um futebol mais rápido e aquela monotonia que esteve presente na outra metade do desafio acabou por desaparecer. Os «leões» entraram com mais vontade, talvez para se mostrarem inconformados com o resultado e atiraram-se abertamente para o ataque, esquecendo-se um pouco do sector defensivo. Talvez esse facto viesse a contribuir para que saíssem derrotados por margem mais expressiva.

Com o desenrolar do encontro, e dado que os sanjoanenses se mostravam rápidos na sua linha dianteira, os escalabitanos, já a perder por uma diferença de dois golos, foram obrigados a recuar de novo e a jogar no contra-ataque sem grandes possibilidades de recuperação, pois a falta de remate continuou a fazer-se sentir.

A maior ânsia de golo e a rapidez com que a Sanjoanense se empenhava na luta, depois daquela infeliz intervenção de Joaquim José, estiveram na base do resultado.

Poucos minutos faltavam para terminar o encontro quando o avançado dos «leões», em nítido fora de jogo, introduziu a bola na baliza de Pimenta. O árbitro, atento à jogada, invalidou, e muito bem, o tento.

A arbitragem, muito embora tivesse alguns erros, não prejudicou o andamento do jogo, nem afectou a marcha do marcador.

CURSO GUARDA-LIVROS

POR CORRESPONDÊNCIA

Remeta este anúncio, receberá grátis o folheto "Cursos por Correspondência"

EXTERNATO LUSITANO DE COMERCIO

Rua dos Anjos, 2-1.º Telef. 40297

LISBOA

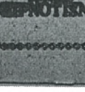
MEIAS DE FUTEBOL

de 1.ª, perna forte e pé reforçado, muito boas, a 20$00 (aos pares) e 18$00 (sendo 10, a 12 pares). Perna toda preta ou toda branca com o canhão na cor que desejarem.

Pedidos à CASA SORIOS — Rua dos Anjos, 18-B — LISBOA.

1.º, 2.º e 3.º CICLOS

Preparação de maiores por professores especializados. Aulas indiv. e em grupos de todas as discipl. dos Liceus e Esc. Técnicas. R. do Alecrim, 46, 2.º, esq.º. Tel. 32 20 97.



HIPNOTISMO

Curso sério completo. Envie selo e receberá grátis «livrete» BH de 60 páginas — CROFT — Apartado 2 — Costa Caparica